

Suçara de Souza Castelo Branco



Memórias: espaço político de conflitos sociais

Juçara de Souza Castello Branco*

Resumo

Apoiando-se em considerações teórico-metodológicas, as memórias de teuto-brasileiros residentes em Lages, possibilitam questionamentos sobre as memórias produzidas pela historiografia e pelas falas de Licurgo Costa. A memória é tratada, neste texto, como espaço de conflitos sociais entre grupos políticos diversos. A história oral e os textos memorialistas são aqui considerados como espaços políticos que possibilitam a constituição de sentimentos de identidade.

Palavra-chave: História Oral; Memória; Identidade.

Abstract

From the memoirs produced by the Teuto-Brazilians residents in Lages, this article analyses the memoirs produced by the historiography and also present in the Licurgo Costa speeches. The memory is treated as a space of conflicts among several political groups. The oral history and memoirs' text are considered political spaces that make possible the constitution of an identity affinity.

Keywords: Oral history; memory; identity.

Este artigo aborda algumas das questões tratadas na dissertação de mestrado, que tem o objetivo de estabelecer um diálogo entre uma memória, que se tornou pública através da historiografia, referente à inexistência ou expressão insignificante da imigração germânica em Lages, com as lembranças dos descendentes dos alemães que vivem ou viveram na referida cidade.

A história oral, nesta investigação, apresentou personagens pouco conhecidos da historiografia, sobretudo aquela produzida pelo Instituto

* BRANCO, Juçara de Souza Castello. Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina.

Histórico e Geográfico de Santa Catarina. As falas de *teuto-brasileiros*¹ residentes em Lages permitiram a problematização da memória, primeiro, enquanto um elemento constituinte do sentimento de identidade e, depois, como um espaço de conflitos sociais particularmente no que se refere às lembranças do período da política de nacionalização, implementada por Getúlio Vargas.

As pessoas entrevistadas para a realização deste artigo foram três mulheres: uma casada com *lusu-brasileiros*², outra casada com um *italo-brasileiro*³ e uma outra solteira, filha de um imigrante português e uma imigrante alemã, de onde podemos inferir que, na comunidade alemã de Lages, os casamentos entre grupos étnicos distintos foram freqüentes. Porém, esta questão não faz parte da proposta deste artigo.

Memória e Identidade: espaço de conflitos sociais

Pensar a memória enquanto categoria de análise é pensar uma forma polêmica de problematizar a história. Quando a fonte para se trabalhar com memórias é a história oral, a questão fica ainda mais complexa, a começar pelo fato de que a memória, colhida a partir de fontes orais, é uma narrativa do presente a respeito de questões passadas, onde o narrador toma uma posição dentro de sua narrativa e elabora versões a respeito do passado, atribuindo-lhe sentidos subjetivos que misturam ficção, realidade, imaginação, tradição...

Outra dificuldade que a história oral traz consigo é que ela raramente consegue levantar experiências vividas para além da terceira geração, ou seja, um neto vai falar dos avós, mas, em raríssimos casos, falará dos bisavós. Na pesquisa realizada, as memórias de pessoas que nasceram nas décadas de 1920 e 1930 sinalizaram para um movimento migratório de alemães em direção à cidade de Lages, movimento esse iniciado durante a primeira metade do século XIX. No entanto, há que se considerar que certos indivíduos

¹ **Teuto-brasileiros** são, nesta abordagem, brasileiros natos que vêm constituindo uma imagem de si, para si e para os outros, com base nos dispositivos da memória que, por vezes, herdaram dos seus antepassados que imigraram da Alemanha para o Brasil, durante o século XIX e XX.

² **Luso-brasileiros** são, nesta abordagem, aqueles que vêm constituindo uma identidade enquanto imagem de si, para si e para os outros, com base nas reminiscências da memória da colonização portuguesa em suas múltiplas relações como os grupos indígenas, escravos e outros que vêm contribuindo neste processo de 500 anos de domínio na região geopoliticamente chamada de Brasil.

³ **Italo-brasileiros** são, nesta abordagem, brasileiros natos que vêm construindo uma imagem de si, para si e para os outros, a fim de serem identificados com os seus antepassados que imigraram da Itália para o Brasil, sobretudo, em maior número, a partir de 1875.

apropriam-se de experiências bem anteriores à terceira geração passada. Esta faculdade social da memória recupera e introjeta experiências pretéritas em sujeitos do presente⁴, de modo que os relatos de alguns descendentes destes imigrantes permitiram questionar se de fato, em 1858, *a colônia alemã de Lages era minúscula*⁵ e se o distrito de Cerro Negro é realmente o único que, no início do século XX, abrigava tais indivíduos.⁶ Portanto, nesta abordagem, a história oral permitiu:

“o confronto entre a memória individual e a memória dos outros [sobretudo aquelas articuladas na historiografia], isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.”⁷

Tais grupos políticos construíram imagens de si, para si e para os outros, através dos dispositivos da memória onde o passado foi, por vezes, *enquadramento*⁸ dentro das narrativas. Nesta abordagem, entende-se que o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina representa um grupo político que, em sua produção historiográfica, acionou dispositivos da memória que se opõem a lembranças das camadas populares, onde se encontravam alguns dos imigrantes alemães que viviam em Lages.

Em meio a tal produção, encontram-se os escritos de Licurgo Ramos Costa, que escreveu sobre a sociedade lageana seguindo a corrente ideológica do IHGSC. Em sua obra, *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firme* (1982), riquíssima no levantamento de fontes e informações, o autor se debruça sobre a memória dos bandeirantes que participaram da fundação da vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Sertões das Lagens, ou que se fixaram na região durante os seus primeiros anos, onde encontram-se os seus próprios antepassados. Este texto possui muito das suas relações e experiências com a sociedade lageana⁹.

⁴ AMADO, Janaína. O grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In.: *História*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, vol. 14, 1995, 133

⁵ COSTA, Licurgo. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firme*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p. 444

⁶ CÂMARA, Lourival. In.: *Separata da Revista Imigração e Colonização*. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Estatística. Ano I, nº 4, Outubro de 1940, p. 23.

⁷ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 204-205

⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 9

Contraditoriamente, a vida privada de Licurgo Ramos Costa quase que desaparece de seus relatos em detrimento da representação das suas posturas pessoais e experiências de homem público. No entanto, não se pode interpretar isso como uma espécie de sobre-construção política do personagem. Pode ocorrer, de fato, que sua vida pública, a partir de um certo momento, o tenha levado a centrar-se na representação do personagem público. “Não se deve, portanto considerar esses aspectos como indicadores de dissimulação ou falsificação do relato. O que importa é saber qual é a ligação real disso com a construção da personagem.”¹⁰

A ligação entre o discurso historiográfico e o personagem público de Licurgo Costa está associada ao projeto político-ideológico da política de nacionalização de Getúlio Vargas, que pretendia forjar uma identidade que equacionasse os elementos etno-culturais dos municípios e Estados a fim de constituírem uma nação amalgamada pelas origens portuguesas. Os traços sócio-culturais que entravam em dissonância com este projeto foram negados de tal modo que sua produção historiográfica entra em choque com as lembranças dos imigrantes alemães, que são objeto desta investigação, assim como dos índios, caboclos, descendentes de imigrantes africanos, asiáticos e europeus de além Pirineus.

História oral e memória: novos personagens em cena

A história oral ofereceu a alguns descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram em Lages a oportunidade de questionar alguns assuntos *esquecidos*¹¹ pela historiografia. As mulheres entrevistadas, apesar de um temor aparente, relataram, além das suas experiências vividas em família, algumas circunstâncias políticas que envolveram a sociedade lageana durante a política de nacionalização, implementada durante o governo de Nereu Ramos. Durante o ato da entrevista não são apenas as palavras que estão sendo

⁹ Licurgo nascido em 1904, em Lages, em meio à elite econômica e política do Planalto Catarinense está vivo. Muito cedo ele deixou a sociedade lageana. Durante a década de 1920, foi estudar no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Estudou Direito e fez carreira como jornalista e diplomata. As memórias de Licurgo Costa trazem muito de suas experiências pessoais durante a primeira fase de sua vida, antes de 1920, em Lages. Desde a infância conviveu e aprendeu o exercício da política com seu pai, avós, tios e primos. Boa parte destes homens da elite lageana estudou, entre o fim do século XIX e o início do XX, no Colégio Nossa Senhora da Conceição. Algumas mulheres desta mesma elite estudaram no Colégio São José. Estes dois colégios ficavam em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, e eram dirigidos por padres e freiras alemães respectivamente, segundo Licurgo Costa. Ao retornar à cidade de Lages, muitos deles mantiveram, por décadas, o poder político e econômico em suas mãos.

¹⁰ POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 203.

¹¹ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15

percebidas. O cenário, o conjunto de coisas que cercam o entrevistado e, particularmente, suas expressões faciais e corporais tornam-se objetos de observação e passíveis de interpretação. Simultaneamente, o entrevistado também analisa o procedimento do entrevistador e pondera as respostas que lhe apresentará. O momento da entrevista contém uma dimensão social e uma interação entre o entrevistado e o entrevistador.

Maria Luiza Suiter, durante a entrevista, recorda: “a polícia foi em todas as casas de alemães. [...] A gente sofreu algumas represálias, mas guerra é guerra, isso é natural em tempo de guerra, né?¹²”. Tais experiências, esquecidas pela memória pública ou coletiva, guardam fatos enterrados pelo passado e que foram significativos para a constituição destes indivíduos enquanto sujeitos da história:

“A polícia entrou em nossa casa para procurar livros, rádio. Mas nós não tínhamos, primeiro porque não tínhamos dinheiro para comprar o rádio, segundo porque os alemães eram proibidos de terem um aparelho receptor.

E se os alemães tivessem algum aparelho receptor o que acontecia?

Eu acho que eles pegavam o rádio.¹³”

A entrevistada narrou momentos de sua infância como se tivesse voltado no tempo e retornado à meninice. Literalmente, ela revive e representa as palavras que proferiu para os dois policiais que entraram em sua casa quando ela tinha aproximadamente dez anos de idade: “*Papai não tá? Como é que vai?*” *A mamãe tá de cama.*¹⁴ A seguir, volta ao presente e começa a descrever o passado:

“Eles entraram e não respeitaram. Ergueram a colcha para ver se não tinha nada, em baixo da cama. Aí quando o pai [que era um imigrante português] chegou, nós falamos para ele. Ele foi imediatamente à delegacia. Dela eles passaram no rádio que ele solicitou. Nunca mais nos incomodaram.¹⁵”

Olhares evasivos e gestos inquietos sinalizaram para o quanto este ainda

¹² AQUINO, Maria Luiza Suiter. Nascida em Lages, em 1927. Entrevista realizada em Lages, em 15 de janeiro de 1998.

¹³ AQUINO. Entrevista citada.

¹⁴ AQUINO. Entrevista citada.

¹⁵ AQUINO. Entrevista citada.

é um assunto barulhento em suas próprias memórias, porém um assunto reservado ao silêncio enquanto testemunho público. Entre o *não aconteceu nada* e o fato que se passou existe uma zona de silêncio, emudecida diante do gravador. Entre o dito e o não dito há muito que se interpretar:

“No tempo da Guerra a gente sofreu... um pouco... porque ele [o pai] era alemão e foi detido. A gente também sofreu algumas represálias, tanto é que eu saí da escola, por causa disso.¹⁶”

Todos os entrevistados pediram para que o gravador fosse desligado para relatar algumas das experiências mais polêmicas a que se submeteram durante aqueles anos. Quando permitiam que suas falas fossem gravadas, suas afirmações expressavam o temor que possuíam diante circunstâncias daqueles tempos:

“A nossa família não foi molestada.¹⁷

Lá em casa, de noite, nunca aconteceu nada.¹⁸

A polícia foi duas vezes lá vasacular lá em casa... mas não encontrou nada. Mas não aconteceu nada.¹⁹”

A política de nacionalização implementada por Nereu Ramos provocou experiências que ainda guardam fortes significados nas lembranças de quem as viveu. Maria Luiza tem *uma memória quase que herdada*²⁰ de seu pai. Ela testemunha sobre a obrigatoriedade do trabalho compulsório a que homens alemães e teuto-brasileiros foram submetidos durante aqueles anos:

“Durante a Segunda Guerra foram detidos diversos alemães. Acho que eram uns 15 ou mais.

¹⁶ AQUINO, Entrevista citada.

¹⁷ MENDONÇA, *Ibidem*.

¹⁸ MARTINHAGO, Elizabeth Feldhaus. Nascida em Rio Fortuna, em 1935. Entrevista realizada em Lages, em 15 de janeiro de 1998.

¹⁹ AQUINO, Entrevista citada.

²⁰ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 201

Quanto tempo eles ficaram detidos?

Meu pai [José Suiter] ficou 2 meses, mas é porque ele já tinha 60 anos. Ele já estava velho e eles ficaram detidos primeiro na delegacia, como presos comuns. Depois, não sei como é que fizeram um acordo, mas o diretor da estrada de rodagem dali perguntou se eles não queriam trabalhar na construção da estrada que fica há 14 Km daqui; a estrada que ia para Florianópolis. Então eles foram para lá, para ajudar, mais aí o diretor disse: “Vocês vão para lá ficar sobre efeito de ordem de um feitor e se vocês quiserem trabalhar, vocês trabalham! Mas não é trabalho!!! Pegam uma enxada, fazem uma coisinha ou outra, fazem alguma outra coisa. Aí vocês ganham uma comida melhor. Agora, se vocês não quiserem trabalhar, vocês ficam dentro da casinha.” A casinha era de chão batido e rebocamos. Era para eles todos. Como todos eles eram dispostos, disseram: “Não, nós vamos trabalhar.” Ninguém ia fazer força demais. Então o meu pai roçava antes de fazer a estrada. Era tudo feito à mão. Então eles ganharam comida melhor e foram bem tratados lá e o feitor ainda disse: “Olha eu vou tratar bem vocês, porque eu não sei se amanhã ou depois vocês não vão ser meus patrões.... Só peço para vocês não fugirem.” Ninguém fugiu, todo mundo ficou lá, numa boa! Trabalhando! Mas assim não trabalhando muito. Eles faziam alguma coisa e daí a comida deles era melhor. E daí ficaram...²¹”

As lembranças de Maria Luiza surgem como *memórias subterrâneas*²² convulsionando a ordem dos discursos oficiais ao narrar sobre o exílio a que foram submetidos seu pai e outros alemães que viviam em Lages. Ela recorda sobre o momento em que foram encaminhados para trabalharem na construção da estrada Lages/Florianópolis, que estava em andamento, realizando serviço braçal.

“Quais eram os outros conhecidos dele que estavam junto trabalhando na estrada?

Tinha esse Pulfrich, que estava lá.

²¹ AQUINO. Entrevista citada.

²² POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 4

Tinha também o Oscar Nüsser, que era meu padrinho. Os dois eram compadres do meu pai.

O José Steffens que por sinal era brasileiro. Ele gostava muito de política. Ele faleceu faz pouco tempo. Os filhos dele estão por aí.

Tinha o Walter Taggessel, que era agrimensor. Havia outros.

Tinha um de Florianópolis, Frederico Haotmann, ele era escafandrista. Alguém perdeu dinheiro no rio e ele veio aqui para procurar esse dinheiro, mas no fim não acharam nada. Afundou com um cavalo e tudo. Ele foi preso com a mulher.

Tinha o Walter Gilm, o Tup, como era chamado. Eram uns quantos, uns 15.

Tinha o Guilherme Kall, que era mecânico.

E que eu me lembro é só, mas eram uns 15 alemães, mas eles eram todos de paz.²³

A narradora afirma que eles *foram detidos e ficaram lá numa boa*²⁴ trabalhando em troca de boa comida. Isto entra em dissonância com as memórias das experiências vivenciadas por seu próprio pai, revelando, ao mesmo tempo, contradições:

“O meu pai ficou 2 meses, os outros ficaram mais. O meu pai gostava muito de trabalhar no serviço de terra e com isso ele adquiriu uma hérnia de tanto fazer força. Mas ele fez, porque ele quis. Aí aquela hérnia começou a sair, então eles o mandaram para casa, para repousar. Ele já tinha 60 anos. Então ele foi um dos primeiros a sair.²⁵”

Lembranças veladas por muitos anos são reveladas no momento que o sujeito percebe que, assim como ele, sua memória também morrerá caso guarde para si o seu testemunho sobre o passado. Consciente, ou inconscientemente, a memória organiza-se, de modo seletivo, em função das preocupações pessoais e políticas do momento.²⁶

²³ AQUINO. Entrevista citada.

²⁴ AQUINO. Entrevista citada.

²⁵ AQUINO. Entrevista citada.

²⁶ POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 203

As memórias de guerra são as que mais se manifestaram nas falas dos descendentes de alemães que estiveram em Lages durante a primeira metade do século XX. Tais lembranças fazem perceber que os conflitos sociais opunham indivíduos que se identificavam etnicamente como diferentes entre si. Elizabeth Feldhaus recorda que, por vezes, à noite, no sítio de seu pai, sua família era vigiada a fim de perceberem se cultivavam o uso do idioma alemão no interior da vida privada. Em tantas outras vezes, a sondagem foi menos discreta: *A gente só ouvia o barulho dos cavalos, em roda de casa. Nós paramos de falar alemão.*²⁷

As reminiscências das lembranças de algumas narradoras remetem à infância, quando elas, como outras crianças da escola, vivenciaram os conteúdos políticos ideológicos postos pela política de nacionalização:

“Eu era muito manhosa e as meninas faziam só para me irritar: Segunda, terça, quarta e quinta coluna, quinta coluna...!!! Elas faziam aquela marcação... ‘Alemão batata!!!’ ‘Alemão batata!!!’ e mais uns palavrões atrás.”²⁸

Na escola, as crianças reproduziam as experiências que vivenciavam em sua vida cotidiana dentro do espaço familiar. Tais relações se davam ao som dos discursos da política de nacionalização, que apregoava uma homogeneidade racial e fomentava os preconceitos étnicos. A escola foi um espaço disciplinador e reproduzidor destas experiências. Sobre este tempo ficaram muitas lembranças permeadas de significados que nem sempre podem ser traduzidos com palavras. A obrigatoriedade do abandono da língua doméstica, no caso o alemão, ficou nas lembranças como a expressão de uma violência moral.

Durante a comemoração do Dia Sete de Setembro de 1942, líderes políticos locais compareceram a uma pequena escola da Bocaína do Sul, até então área rural de Lages, para proferir discursos comemorativos ao referido feriado. Na ocasião, Elizabeth Feldhaus, com aproximadamente sete anos, não compreende o conteúdo das falas do orador porque não tinha, na ocasião, o domínio do Português. No entanto, ela não esquece o que se passou naquele dia. Sem ter noção da complexidade do contexto político ideológico que convulsionava boa parte do mundo, e que tinha sua pior pústula na Alemanha, país de onde seus avós procediam, Elizabeth Feldhaus recorda:

²⁷ MARTINHAGO. Entrevista citada.

²⁸ MENDONÇA. Entrevista citada.

“Era um dia de sete de setembro, no tempo da guerra. Eles fizeram um mundo de discurso, Eu estava parada, quieta e as crianças estavam... e daí uma professora me empurrou na roda e disse: “Canta sua quinta coluna.” Mas eu só pulava junto porque eu não sabia cantar. A gente tinha que pular junto porque a gente não sabia cantar em brasileiro, cantiga de roda, como eles estavam cantando.²⁹”

O discurso daquela autoridade era um instrumento de poder, independente de ser compreendido ou não. O que de fato importava é que foi reconhecido como tal e exerceu efeito³⁰, fomentando conflitos sociais. Em Lages, os discursos políticos durante o período de nacionalização, assim como em outras partes do Brasil, pregavam que deveria haver uma homogeneidade cultural entre os brasileiros. Segundo os escritos do político lageano Otacílio Costa: “O Município é uma miniatura da Pátria.³¹”

Este conjunto de idéias propunha, portanto, que o país tivesse uma harmonia nos valores e princípios, uma sincronia cultural apregoada numa “**vontade comum de seguir o mesmo destino**”³² para que pudesse existir enquanto nação. Esta unidade deveria ser expressa através da “raça, religião, língua, costumes, história e legislação.”³³ Aqueles que guardavam, em suas memórias, outros valores, diferentes daqueles propostos pela política de nacionalização, sofreram um processo de enquadramento de suas práticas culturais.

Esse sistema de idéias constitui um marco nas lembranças de teuto-brasileiros que vivem em Lages. As lembranças deste tempo de conflitos e convulsões sociais nos permitem perceber e problematizar alguns dos elementos subjetivos da memória. As narrativas fornecem evidências de que os que estavam fora deste ideário de nação passaram a viver a experiência do deslocamento social. Maria Luiza recorda:

“Meu pai me tirou da escola porque os professores disseram que não adiantava eu continuar estudando, porque uma filha de alemães nunca seria professora aqui no Brasil.

²⁹ MARTINHAGO. Entrevista citada.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 91.

³¹ COSTA, Otacílio. *História de Lages (Apontamentos)*. Lages: Edição do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1944, p. 35.

³² *Ibidem*. p. 35.

³³ *Ibidem*. p. 35.

A única profissão que a gente tinha por aqui era o magistério e naquele tempo estudar fora era só para rico. E a gente era classe média, então não era possível. Então como os professores disseram para ele que não era possível ele me tirou da escola aos 14 anos. Eu tinha 14 anos. Eu chorei muito, mas não deu.³⁴

Os relatos orais indicam que as experiências dos sujeitos que viviam em Lages durante o Estado Novo não se davam por divisões étnicas e sim por divisões sociais e econômicas. Tanto entre brasileiros natos, estrangeiros, ou descendentes destes, havia aqueles que trabalhavam como professores, comerciantes, profissionais liberais e técnicos, sendo que alguns eram mais bem sucedidos e outros menos. No entanto, a política de nacionalização promoveu uma intervenção nas práticas profissionais de alemães e teuto-brasileiros que viviam na cidade de Lages.

“A minha mãe era professora, lecionou praticamente todas as disciplinas do ginásio, exceto língua portuguesa. Para o segundo grau sua mãe lecionou línguas estrangeiras, mas trabalhou como costureira durante os anos de guerra.³⁵”

As mulheres entrevistadas disseram “preferir não citar nomes³⁶”, mas relatam que vários segmentos da sociedade lageana se articularam para controlar e reprimir as práticas culturais e, particularmente, linguísticas, as quais diferenciavam os sujeitos de identidade alemã. Alice Mendonça, filha de um imigrante português e de uma imigrante alemã recorda:

“O meu pai adquiriu um carro à gasolina, que era feio e simples. Não concorria com as limusines que existiam na praça, por isso ele fazia corridas para o interior. Durante algumas corridas ele ouvia os passageiros tramando contra os alemães moradores da cidade. Depois do trabalho, sem que ninguém ficasse sabendo, ele ia correndo avisar os alemães, que eram amigos, para se defenderem das investidas dos inimigos.³⁷”

³⁴ AQUINO. Entrevista citada.

³⁵ MENDONÇA. Entrevista citada.

³⁶ MARTINHAGO. Entrevista citada.

³⁷ MENDONÇA. Entrevista citada.

Passados tantos anos, esta experiência política insana deixou suas contradições registradas nas lembranças de quem foi obrigado a se sujeitar a ela:

“Eles disseram que tiraram os alemães de casa [a fim de irem trabalhar na construção da estrada Lages/Florianópolis] para protegerem suas famílias, porque o povo podia se revoltar ou fazer alguma coisa contra os alemães. E assim, estando só as mulheres e as crianças em casa, ninguém faria nada.³⁸”

Considerando o exposto, o esquecimento da memória da imigração germânica em Lages leva-nos a considerar o quanto memória e identidade estão relacionadas na construção da imagem de si, para si e para os outros. É o que se observa nas falas e discursos, sobretudo no caso desta pesquisa, contidos na historiografia produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. O contraponto esboçado permite considerar que memória e identidade são valores disputados por indivíduos ou grupos que se relacionam, vivendo relações ora de conflitos, ora de negociações, a respeito das versões que constroem do passado.

³⁸ AQUINO. Entrevista citada.